
Imagens de Controle e Representações Negras Midiáticas: uma Análise de Personagens da Telenovela Vai Na Fé¹

Carina Cristina do NASCIMENTO²
Juarez Tadeu de Paula XAVIER³
Vânia Cristina Pires Nogueira VALENTE⁴
Universidade Estadual Paulista – UNESP

RESUMO

A novela *Vai na Fé*, produzida pela TV Globo, tem a maior audiência no horário das 19h no país (FELIX, 2023), além de possuir um elenco com 70% de atores negros e negras, na condição de não-escravizados. Apesar do sucesso da telenovela e do seu esforço em apresentar-se como um produto alinhado com o letramento racial, é possível observar alguns personagens que reproduzem imagens de controle. Nesse sentido, o objetivo do artigo é conhecer as imagens de controle presentes na telenovela *Vai na Fé* como mecanismo de manutenção do racismo. Para isso será utilizado o processo metódico definido por Lopes (2003) que traz instâncias de análise a partir de uma perspectiva interseccional. A partir dos resultados, pretende-se observar que a telenovela reproduzem imagens de controle e reforçam os mecanismos do racismo estrutural.

Palavras-chave: telenovela; imagens; controle; racismo

CORPO DO TRABALHO

Escravidão, supremacia racial branca e imagens de controle

A telenovela é um produto cultural muito popular no Brasil. Desde sua primeira exibição na década de 50 até os dias de hoje, é possível acompanhar a variedade de tramas e temáticas abordadas que podem gerar intenso engajamento entre os diferentes públicos no país. A novela *Vai na Fé*, considerada um dos maiores sucessos, no horário das sete na TV Globo, produziu uma trama única, reunindo um elenco com 70% de atores negros e negras (FELIX, 2023). Apesar do sucesso e da originalidade deste produto audiovisual, foi possível observar uma série de imagens de controle na construção e manutenção de personagens importantes do enredo. Para Bueno (2020) as imagens de controle são um

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda em Mídia e Tecnologia pela FAAC-Unesp, pesquisadora do Grupo de Pesquisa Neocriativa. Email: carina.nascimento@unesp.br

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, docente e vice-diretor da FAAC-Unesp, coordenador do Grupo de Pesquisa Neocriativa. Email: juarez.xavier@unesp.br

⁴ Livre Docente em Representação Gráfica, coordenadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia - Doutorado da FAAC-Unesp. Email: vania.valente@unesp.br

mecanismo ideológico de dominação, que opera com base na lógica autoritária de poder da classe dominante, a qual nomeia, caracteriza e manipula significados e sentidos sobre a condição de existência de mulheres negras e homens negros que são dissonantes daquilo que realmente o são. Nesse sentido, essas imagens, reproduzidas em espaços midiáticos, como a telenovela, disciplina o olhar discriminatório para grupos sociais vulneráveis, criando vivências limitantes para esses grupos, em especial para pretos e pardos, cultivando a materialização do racismo. Articulada pelo racismo científico do século XIX, a *imagem de controle* da população negra ficou aprisionada ao círculo de vulnerabilidade, tornando-a refém das circunstâncias mais degradadas, em todos os indicadores sociais e condicionando sua existência à lógica da necropolítica – a política da morte.

O psiquiatra Nina Rodrigues, a partir da ideia europeia de superioridade da “raça ariana” iniciou os estudos de racismo científico no Brasil, importando alguns postulados:

Para a ciência, não é esta inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural. (...) esta verdade – que até hoje não se puderam os negros constituir em povos civilizados. A raça negra no Brasil (...) há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo. (RODRIGUES, 2004, p. 24; 28)

Com o avanço da teoria do racismo científico no Brasil, a hierarquia das raças, conferiu superioridade aos brancos e inferioridade aos negros. Dentro dessa perspectiva, o Estado brasileiro, com o apoio dos intelectuais eugenistas e imprensa, disseminaram a ideia de que o negro africano representava o atraso e vergonha para o país e nesse sentido, era necessário eliminá-los (NASCIMENTO, 2016).

O conceito de racismo estrutural, na reflexão de Almeida (2019) – na qualidade de açambarcar o racismo científico – é um fenômeno conjuntural e constitui as formas de organização de acesso aos bens materiais e imateriais, que implica no aniquilamento da população negra, que são os pretos e pardos na sociedade brasileira. Ou seja, é um modelo de estrutura social que normaliza o genocídio, o extermínio, a execução da população negra. O racismo estrutural precisa ser compreendido a partir de 3 dimensões: política, econômica e subjetiva.

Pesquisas demonstram que o grupo social mais afetado com a reforma tributária, são mulheres negras, pois o sistema tributário funcionando na sua normalidade, reproduz as condições de desigualdade que coloca a mulher negra na base, no final da pirâmide social, pois são elas que recebem os menores salários. A tributação brasileira foi

estruturada para incidir sobre o consumo e salários; e pessoas que ganham menos e também consomem, são aquelas que vão pagar proporcionalmente mais. Isso implica em toda uma dinâmica social, pois se mulheres negras ganham menos, e conseqüentemente, moram em lugares de vulnerabilidade, isso poderá gerar privações e tensões familiares, expondo essas mulheres a violências materiais e imateriais. Portanto, há uma relação estrutural entre os baixos salários da mulher negra, o sistema tributário, falta de representatividade de mulheres negras, como políticas públicas para esse grupo que não avançam (ALMEIDA, 2016).

Nos últimos anos, a violência contra mulheres brancas reduziu quase 10% e contra mulheres negras aumentou 54%. Esses números justificam que uma condição estrutural de "normalidade" da sociedade, afeta, implicando em morte, um grupo onde o marcador social é a raça. E essa normalidade naturaliza toda a violência cometida contra pessoas negras nesse país (IPEA, 2021). O fato de que, sistematicamente, a cada 23 minutos um jovem negro é morto nas periferias do Brasil, não causa sequer indignação na sociedade brasileira como deveria causar. O que causa indignação, em sua grande maioria, são pessoas negras, ocupando espaços de poder. Diferentemente para pessoas brancas.

O racismo se sustenta nos pressupostos do supremacismo racial branco, que lançou mão de três dimensões que se naturalizaram no imaginário social do Ocidente: os conceitos de ciência, cultura e beleza, a partir das experiências da Europa e do colonialismo (WEST, 2002), colocou os povos brancos europeus no ápice da pirâmide do desenvolvimento humano, reservando aos povos não-brancos uma condição de atraso civilizacional em relação aos povos brancos (RIBEIRO, 2019). Tendo em vista a perspectiva teórico-conceitual do supremacismo racial branco, partir da categoria beleza, cria-se um modelo segregacionista que defende a ideia da humanização de pessoas brancas, isto é, quanto mais próximo do modelo branco, mais próximo se está da condição humana, o que acabou estimulando a estigmatização da população negra em escala planetária (GOMES, 2019) e definindo que tem direito à vida e quem devem morrer (MBEMBE, 2014).

Como em todo processo de escravização, a população à qual é submetida essa condição, passa por situações materiais e contínuas de animalização, humilhação, destruição progressiva de sua humanidade, negação de direitos, autoestima e possibilidade de uma reorganização pessoal enquanto família, interesses próprios, bem como o planejamento da própria vida. Libertar os ex-escravizados sem ajuda equivale à condenação eterna. Os mesmos foram abandonados pelo Estado, jogados à própria sorte

dentro uma nova ordem social competitiva, que eles não conheciam e também não foram preparados. Para os “senhores” da terra, Estado e Igreja a libertação foi providencial, pois não tinham mais qualquer obrigação com os ex-escravizados e poderiam escolher qual seria a mão-de-obra a ser recrutada em suas terras: a dos ex-escravizados ou a dos imigrantes (SOUZA, 2019)

O colonialismo português sempre tentou negar a brutalidade da escravização, a ponto de justificá-la como um mecanismo de salvação cristã para os povos africanos, acadêmicos como Pierre Verger, realizaram grandes esforços para justificar o mito da democracia racial no Brasil, ou como diz Santos (2020), construíram uma fabulação perversa de negação da existência do racismo no Brasil. A tendência conservadora de Pierre Verger, postulou o mito de que a presença da cultura africana na sociedade brasileira, que teria sido o resultado das relações amistosas de escravizados e senhores de engenho, ou seja, a construção de uma “democracia racial” (NASCIMENTO, 2016).

A imagem de controle, decorrente desse complexo processo de múltiplos movimentos para a compreensão da realidade social e midiática no país, fixa o sujeito branco no topo da pirâmide econômica, cultural, social e política, e congela a população negra na base da pirâmide, e justifica a necropolítica em curso, que destrói as vidas negras em escala industrial (COLLINS, 2019). Mesmo com 70% do elenco negro em *Vai na Fé* – pela primeira vez em uma novela que não conta a história da escravidão –, as imagens de controle representadas, podem reforçar o racismo, quando materializadas de forma constante e massiva, nesses espaços e como consequência podem se naturalizar, o que justificaria toda a violência cometida contra a população negra, que se encontra no circuito de vulnerabilidades.

A naturalização da violência contra a população negra, a partir da consolidação das imagens de controle, tira a responsabilidade da branquitude em responder sobre a manutenção de seus privilégios na estrutura racista, bem como com a violência histórica e sistemática exercida pelos seus ancestrais europeus, contra povos africanos e indígenas. Essas imagens precisavam manter seus imaginários acesos para naturalizar um dos períodos mais perversos e brutais da história da humanidade (Bueno, 2020; Gonzalez, 2020).

Bento (2022) criou o conceito de pacto da branquitude que se trata de um sistema e não de pessoas individualizadas. Para a autora:

(...) pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas que visa manter seus privilégios. Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação, das ‘imagens de controle’ que é feita do outro e da forma que reagimos a ele. (BENTO, 2022, p. 18)

O pacto da branquitude é extensivo em toda estrutura de uma sociedade, seja em ambiente acadêmico, corporativo, familiar, amizade ou afetivo.

O padrão de operacionalização de discriminações dentro de instituições, busca justificar a inexistência de grupos sociais acêntricos em cargos de poder a partir da ideia de mérito, ou seja, se o indivíduo não ocupa posições de poder e destaque em organizações ele foi incapaz para isso (BENTO, 2022). A meritocracia justifica as desigualdades e cria uma elite que se considera trabalhadora e virtuosa. Essa elite se beneficia de investimentos precários à educação e infraestrutura básica, por exemplo, e se esforça para manter as mesmas oportunidades aos seus filhos, passando os privilégios de uma geração a outra, o que vai impactar em melhores oportunidades de trabalho e salários para este grupo (MARKOVITS, 2021).

A racionalidade que explica a meritocracia não considera o impacto de histórias diferentes na vida contemporânea de grupos sociais. Uma situação é a história ser contada a partir do contexto do colonizador escravocrata e a outra é a partir da perspectiva do colonizado escravizado. Fala-se muito da herança da escravidão e seus impactos na vida dos escravizados, porém, quase nunca se fala da herança escravocrata e seus impactos positivos para as pessoas brancas (ADICHIE, 2019; BENTO, 2022).

O silêncio, o apagamento e a expropriação da cultura negra-africana sempre foi algo naturalizado na sociedade brasileira. Livros de história do século XX não deram conta de apresentar a verdade sobre a escravização, no entanto, é possível identificar a existência do pacto narcísico entre coletivos que carregam, segredos em relação aos seus ancestrais, atos vergonhosos, como assassinatos e violações de direitos humanos, transmitidos através de gerações e escondidos, numa espécie de ‘espaço secreto’. Nesse sentido, observa-se a realidade da supremacia branca nas instituições públicas e privadas, que é usufruída pelas novas gerações brancas como mérito do seu grupo. O pacto é uma aliança que expulsa, desautoriza, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo; gera esquecimento e desloca a memória para lembranças encobridoras comuns; ele exprime as recordações que trazem sofrimento e vergonha,

como é o caso da escravização que até hoje é negada por grupos políticos conservadores (BENTO, 2022). Além disso, ele serve como marcador social inclusive na produção de produtos culturais, como uma telenovela que ainda traz representações midiáticas que replicam o racismo, a partir da criação de imagens de controle. Portanto, uma abordagem interseccional seria um caminho de possibilidade para se pensar numa nova episteme, tendo em vista a brutalidade do racismo.

A interseccionalidade analisa como o poder influencia as relações sociais em sociedades diversas, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Nesse sentido, ela analisa que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária, são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. Ela é uma forma de compreensão do mundo (BILGE, COLLINS, 2021).

Portanto, dentro desse contexto, o objetivo do artigo é conhecer as imagens de controle presentes na telenovela *Vai na Fé* como mecanismo de manutenção do racismo.

Metodologia

O presente trabalho irá utilizar o processo metódico de Lopes (2003) que traz a *instância epistemológica*: abordagem interseccional de raça, gênero e classe para se compreender o impacto das imagens de controle, como expressão da supremacia racial branca, presente na construção dos personagens principais da novela *Vai na Fé*, promovendo uma ruptura na estrutura de construção das narrativas de telenovelas. A *instância teórica-conceitual* permite ampliar o debate sobre imagens de controle e seus impactos sistêmicos, nas representações personagens negros em telenovelas, conforme apresentado anteriormente no referencial teórico: escravidão negra, supremacismo racial branco, necropolítica, imagem de controle, interseccionalidade, com o apoio dos autores: Achille Mbembe, Abdias Nascimento, Franz Fanon, Cornel West, Laurentino Gomes, Milton Santos, Patrícia Hill Collins, Lélia Gonzalez; Winnie Bueno; Chimamanda Adichie. Na *instância técnica*: análise dos personagens da Telenovela *Vai na Fé* que apresentam fortes indícios de imagens de controle, Ben (Ator Samuel de Assis), Sol (Atriz Sheron Menezes), Dona Marlene (Atriz Elisa Lucinda).

Na terceira etapa, a *instância metódica*, apresenta as reflexões que serão realizadas sobre as imagens de controle e os impactos na construção de representações negras midiáticas que alimentam o racismo estrutural, bem como possibilidades de enfrentamento, dentro de uma perspectiva interseccional. Na instância técnica foram

analisadas personagens relevantes da novela *Vai na Fé* que instrumentalizam tipologias de imagens de controle e conseqüentemente contribuem na manutenção do racismo estrutural, conforme é mostrado a seguir.

Análise 1 – Imagem de Controle – “Mulata Tipo Exportação” x Imagem de Controle “Negro/Negra Aceitável”



Sol Jovem (atriz Jê Soares) – Princesa de Baile Funk

- Sol (Sheron Menezes e Jê Soares): a personagem principal foi construída com a tipologia de mulher negra hiperssexualizada, sobretudo, na primeira fase da personagem em que ela é mais jovem e princesa de um baile funk. A indumentária utilizada, a aparência física e as qualidades sexuais da personagem foram exaltadas, para que a mesma tivesse sua vivência de mulher negra reduzida a imagem de controle da “mulata tipo exportação”. Dentro do enredo Sol vive uma série de relacionamentos afetivos, onde num deles ela é abusada sexualmente, que tem como resultado sua primeira filha, fruto de um estupro.

Nesse sentido, ela enquanto “mulata” nunca é a “musa” e sim uma categoria de cultura (GONZALEZ, 2020). A mulata “tipo exportação”, foi associada a ser objeto de prazer dos colonizadores. A existência da mulata significa o “produto” do prévio estupro da mulher africana pelo branco europeu, e nesse sentido, ela se populariza como “prova” de abertura e saúde sexual, tornando-se assim objeto de fornicação, permissividade e lascividade (NASCIMENTO, 2016). Nessa primeira fase o enredo reforça seu comportamento sexual livre e seu gosto por “funk” – ritmo musical criminalizado pelas classes dominantes – o que justifica sua conversão religiosa cristã como caminho de sua salvação –, na segunda fase de sua personagem. Nesta fase,



Sol Adulta (atriz Sheron Menezes) – Mulher trabalhadora e cristã convertida

Sol é mulher de fé, mãe, guerreira, vendedora de quentinhas que luta e vida tem sonhos como milhões de brasileiros, construindo a imagem de controle do “Negro/Negra aceitáveis” (NASCIMENTO, 2016)

Interessante é observar é que nessa segunda fase, em virtude de sua conversão ao cristianismo, a personagem se humaniza, deixando de lado a imagem de controle de “mulata tipo exportação”, e incorporando uma nova imagem de controle de pessoas negras que são validadas pela sociedade – “negros aceitáveis” –, por consumirem ou se identificarem com a cultura branca cristã ocidental. A grande contradição nesse processo de “flerte” de uma pessoa negra com a cultura cristã, é considerar o passado do cristianismo, em especial a Igreja Católica, que sempre defendeu a instituição escravidão, e nos sermões eclesiásticos, sobretudo os do Padre Antonio Vieira, sua narrativa sempre foi inferiorizar os negros africanos e considerá-los impuros.

O sermão abaixo foi proferido no século XVII, na Bahia:

Escravos, estais sujeitos e obedientes em tudo a vossos senhores, não só aos bons e modestos, senão também aos maus e injustos [...] porque nesse estado em que Deus vos pôs, é a vossa vocação semelhante à do seu Filho, o qual padeceu por nós, deixando-vos o exemplo que haveis de imitar (NASCIMENTO, 2016, p. 62).

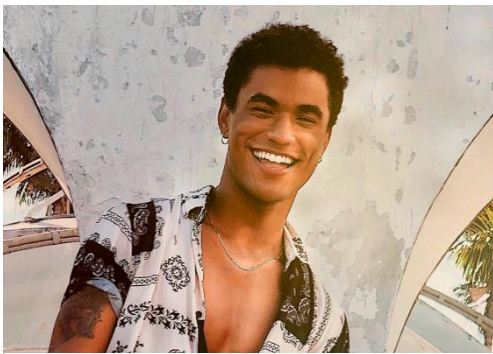
E segue:

Deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si, e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e avós vivíeis como gentios, e vos ter trazido a esta, onde, instruídos na fé, vivais como cristãos e vos salveis (NASCIMENTO, 2016, p. 63).

Analisar essa lógica da salvação do padre Vieira é muito perversa. Nessas homilias, o ganho da vida eterna, a imagem e semelhança com Cristo e a conquista do céu, em troca do sofrimento e martírio da escravidão, só foi proferida aos negros africanos e não aos brancos europeus. Nesses dois sermões é possível observar a ideia expressa por Vieira da aceitação humilde e silenciosa dos escravizados de toda a brutalidade imposta pela escravidão. As águas citadas pelo padre possuíam as virtudes de escravização do africano e tinham o poder de anular, mudar e erradicar sua raça. A ideologia explícita no conceito das águas divinas transformaria o negro africano em branco europeu considerado pela igreja como limpo e superior aos negros (NASCIMENTO, 2016).

Análise 2 – Imagem de Controle do Negro Aceitável

- Ben (Samuel de Assis e Isacque Lopes): par romântico da personagem Sol. Em sua fase jovem, a imagem de controle que lhe é atribuída é a do homem “negro aceitável”, sem consciência de raça que se comporta com um “playboy branco” da Zona Sul do Rio de Janeiro – que inclusive encobre todos os erros de seu melhor amigo, um homem branco rico –, que na fase adulta do seu personagem, se torna seu maior inimigo. Na segunda fase do personagem, Ben, já bem sucedido como advogado casa-se com uma mulher



Ben fase jovem (ator Isacque Lopes) –
“playboy” da zona sul

branca e vive numa área nobre do Rio de Janeiro. Após o término desse casamento, muda-se para Zona Norte, na periferia do Rio de Janeiro, colocando-se como alguém “cult” que consome apenas a cultura da classe dominante. Ou seja, um homem negro na fase adulta que apesar de ter rompido com os erros do passado, ainda é um grande consumidor da cultura branca ocidental.

Após se reencontrar com Sol, Ben reconhece que

não tinha consciência racial em sua fase jovem e passa se reconectar aos poucos, com sua cultura, sobretudo com sua religião, o candomblé.

Esse comportamento de Ben, na imagem de controle do negro aceitável, pode ser vista em Fanon (2020), quando a máscara branca incorporada num corpo negro, torna-se uma ferramenta de



Ben fase adulto (ator Samuel de Assis) –
advogado bem sucedido

resistência à brutalidade do racismo. A civilização branca e a cultura europeia impuseram uma universalidade cultural plena e, ao negro, um desvio existencial.

Análise 3 – Imagem de Controle “Mommy”



- Dona Marlene (Elisa Lucinda): mãe da Sol, protagonista da novela é a típica imagem de controle da “mammy” ou “Mãe Preta”. Essa imagem foi construída para justificar a exploração econômica das escravas domésticas e o confinamento das mulheres negras ao serviço doméstico. A

mãe preta, no período escravagista do Brasil, foi aquela que cuidou e educou os filhos dos seus senhores brancos contando-lhes histórias folclóricas e assim como o “Pai João, foram explorados como exemplos de harmonia e integração raciais (GONZALEZ, 2020). A mãe preta, por exemplo, na trama da novela pode ser percebida na mãe da protagonista, Dona Marlene (Atriz Elisa Lucinda) sempre está na condição de servilidade para todos nos afazeres da casa, e além disso vende “quentinhas”, para compor o orçamento familiar, em uma casa chefiada por mulheres negras.

Como se pode observar os personagens analisados, mesmo na condição de representação de narrativas negras, a telenovela ainda reproduz imagens de controle que tem como objetivo colaborar na manutenção racismo estrutural, por isso, compreende-se a necessidade de uma perspectiva interseccional na produção de produtos culturais para que se possa criar de fato uma episteme negra na televisão brasileira.

Considerações Finais

Espaços midiáticos como a telenovela reproduzem imagens de controle e reforçam os mecanismos do racismo sistêmico e cultural, modelando a percepção da população negra em condições de subalternidade, legitimando a segregação desse grupo social, que mantém um modelo de estado patriarcal capitalista supremacista branco.

As imagens de controle influenciam e alimentam o racismo, a partir da construção de representações negras midiáticas incompletas, como na novela *Vai na Fé*, reforçando no imaginário social que a cultura branca europeia ocidental é a dominante, e todas as outras existências ainda são vistas como incomuns, gerando um certo estranhamento em setores mais conservadores da sociedade, ao verem por exemplo, um elenco de uma telenovela composto por 70% de atores negros e negras que não contavam a história da escravidão.

A relação entre raça, classe e gênero e representações negras midiáticas, ainda são fundamentadas no supremacismo racial branco que fundou, estruturou e replicou, nas instituições o racismo, a discriminação e o preconceito. A desumanização da população negra, estimulada por representações negras problemáticas em telenovelas, a partir da lógica racista, naturaliza o genocídio e o epistemicídio da população negra.

Para enfrentar essa realidade no setor audiovisual, uma possibilidade seria incluir uma maior participação de pessoas negras com consciência interseccional na direção, roteirização e produção das telenovelas, que resultasse numa episteme negra plena, no desenvolvimento de produtos audiovisuais.

Nesse sentido, a luta contra o racismo é, portanto, a luta pela transformação social, que passa necessariamente pela luta contra o racismo na sua dimensão estrutural, o que significa que é preciso abrir mão de privilégios, para que essa luta tenha um combate mais efetivo, e conseqüentemente possamos alcançar de forma plena a democracia. A novela *Vai na Fé* foi uma grande passo e um feito inédito no Brasil, porém, ainda é necessário uma melhor calibragem de seus componentes.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019
- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Youtube, 13 set. de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU>. Acesso em: 15 aug. de 2023.
- BENTO, Maria Aparecida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BILGE, Sirma; COLLINS, Patrícia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: um Conceito do Pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre: Zouk Editora, 2020.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FELIX, Walter. Vai na Fé chega à metade com maior audiência da Globo às 19h em 2 anos. **Uol**, São Paulo, 03 mai. de 2023. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/audiencias/2023/05/03/vai-na-fe-chega-a-metade-com-maior-audiencia-da-globo-as-19h-em-2-anos-196872.php>. Acesso em: 29 jun. de 2023.
- GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares**, volume 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IPEA. Atlas da Violência, 2021. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9619-pb8atlasviolenciaversaodivulgacao.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MARKOVITS, Daniel. **A cilada da meritocracia**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Ed. Antógonia, 2014.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da Escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. Brasília: Editora da UNB, 2004.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WEST, Cornel. **Genealogy of modern racism**. In: *Prophesy deliverance! An afroamerican revolutionary Christianity*. Westminster John Knox Press: Louisville, KY; London, 2002. p.47-65. Acesso: 20/07/2022.